

Do Eldorado a Manaus

HATOUM, Miguel. Órfãos do Eldorado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 107 p.

Julio Jeba | UFMG

A mulher em pé nas águas do Amazonas parece hesitar, mas só por um momento. Caminha rio adentro até desaparecer e juntar-se aos outros moradores da Cidade Encantada, que para lá foram em busca de justiça e felicidade. Ou assim Arminto Cordovil é levado a crer. Essa imagem abre *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, que narra a saga de uma família de homens voluntariosos, seus amores e sua decadência, num misto de história e mitologia em que memória e imaginação têm a mesma relevância.

Escrito para a série Os mitos, da editora escocesa Canongate, este é o quarto livro de Hatoum, amazonense radicado em São Paulo. Suas obras anteriores, *Relatos de um certo Oriente* (1990), *Os irmãos* (2001) e *Cinzas do norte* (2005), ganharam o mais importante prêmio literário do país, o Jabuti. Mas *Órfãos* talvez se torne o mais conhecido, uma vez que foi traduzido em 16 línguas para ser lançado por 39 editoras de todo o mundo.

Numa entrevista ao *Diário Catarinense*, Hatoum explica o efeito das restrições impostas pela Canongate:

A extensão da novela era o limite, eu não poderia escrever um livro muito extenso. A novela como gênero exige muita concisão, deixar coisas insinuadas, sugeridas no subtexto. E este livro oferecia uma dificuldade adicional que era juntar nesse curto espaço vários elementos: uma história de amor, um sentido de tempo histórico, uma releitura de mitos.

Como nos outros livros da série, o autor teve de se restringir a cem páginas, o que deu aos mitos amazônicos, usados como pano de fundo, maior densidade dramática.

As obras de Hatoum têm Manaus como o cenário no qual se tenta recuperar mundos perdidos por meio da memória. Nelas, o narrador junta suas lembranças à história da ascensão e queda de Manaus e do Amazonas como lugares onde o desejo de enriquecimento fabuloso se realizaria. Os protagonistas, em geral homens, são movidos e punidos por incesto, vingança e paixão desmedida – o mesmo material das tragédias e dos mitos gregos. Desse conflito em que todos se entredevoram, só resta a voz do narrador, e é nela que as lembranças do clã, reais ou fabricadas, se mantêm vivas.

Arminto, o narrador de *Órfãos do Eldorado*, é filho de Amando e neto de Edílio Cordovil, homens que se fizeram na floresta, impondo sua vontade férrea e satisfazendo sua ganância e seu desejo carnal. Criado pela empregada Florita, ao se tornar adulto, Arminto busca os conselhos de Estiliano, o advogado e único amigo do seu pai. Sem controle das suas paixões, o último dos Cordovil se apaixona por Dinaura, órfã criada por freiras, que, depois de fazer sexo com ele, desaparece no Amazonas, tal qual na cena que inicia a narrativa. A partir daí, a ruína do narrador é inexorável: tudo o que herdara do pai – o cargueiro Eldorado, a companhia em Manaus, o palácio branco em Bela Vista e a fazenda Boa Vida – afunda, vai à falência ou tem de ser vendido para pagar dívidas.

Como nos outros livros da série, o autor teve de se restringir a cem páginas, o que deu aos mitos amazônicos, usados como pano de fundo, maior densidade dramática.

As obras de Hatoum têm Manaus como o cenário no qual se tenta recuperar mundos perdidos por meio da memória. Nelas, o narrador junta suas lembranças à história da ascensão e queda de Manaus e do Amazonas como lugares onde o desejo de enriquecimento fabuloso se realizaria. Os protagonistas, em geral homens, são movidos e punidos por incesto, vingança e paixão desmedida – o mesmo material das tragédias e dos mitos gregos. Desse conflito em que todos se entredevoram, só resta a voz do narrador, e é nela que as lembranças do clã, reais ou fabricadas, se mantêm vivas.

Arminto, o narrador de *Órfãos do Eldorado*, é filho de Amando e neto de Edílio Cordovil, homens que se fizeram na floresta, impondo sua vontade férrea e satisfazendo sua ganância e seu desejo carnal. Criado pela empregada Florita, ao se tornar adulto, Arminto busca os conselhos de Estiliano, o advogado e único amigo do seu pai. Sem controle das suas paixões, o último dos Cordovil se

apaixona por Dinaura, órfã criada por freiras, que, depois de fazer sexo com ele, desaparece no Amazonas, tal qual na cena que inicia a narrativa. A partir daí, a ruína do narrador é inexorável: tudo o que herdara do pai – o cargueiro Eldorado, a companhia em Manaus, o palácio branco em Bela Vista e a fazenda Boa Vida – afunda, vai à falência ou tem de ser vendido para pagar dívidas.

Como no mito de Édipo, Arminto se relaciona com as mulheres de maneira incestuosa, o que causa sua derrocada. Ele faz sexo com Florita, que fora sua mãe substituta; fez sexo com Dinaura, a filha ou amante do pai; se interessa por Estrela, que talvez fosse sua meia-irmã ou mãe do seu meio-irmão. O filho tinha sido precedido pelo pai em mais de um sentido e dele se vingava, com prazer pueril, jogando fora uma fortuna.

Talvez a família fosse amaldiçoada, em decorrência de crimes ancestrais, ou talvez o criminoso seja Arminto, que deseja as mulheres do pai. De um modo ou de outro, sua vingança por ter sido sempre precedido pelo pai no amor das mulheres provoca a destruição pessoal e da casa dos Cordovil.

A história pessoal de Arminto e a mitologia da família espelham, em ponto menor, a história de Manaus. Se o mito ajuda os seres humanos a darem um sentido à realidade que lhes parece incompreensível, a história narra a irrupção brutal da realidade na experiência humana. Se Manaus havia sido confundida com Manoa e Eldorado, a economia, o látex, o comércio e o senso de oportunidade se mostram implacáveis: nem sempre os sonhos se materializam. Pior, eles se materializam, mas em sua versão de pesadelo.